

## AULA INAUGURAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS MINISTRADA PELA PROFESSORA DRA. THERESINHA DE JESUS PINTO FRAXE (08/03/2017)

*Theresinha de Jesus Pinto Fraxe (Conferencista)*

*Nome do transcritor*

*Rafael Seixas de Amoêdo (Revisor)*

### APRESENTAÇÃO

Homenagem pelo dia das mulheres realizada pela professora Edilza Laray de Jesus com dedicação especial à Profa. Dra. Theresinha de Jesus Pinto Fraxe e a todas as mulheres PPGICH UEA. Agradecimentos de destaque à presença da Pró-Reitora de pesquisa Maria Paula e ao corpo docente.

### INTRODUÇÃO

O trabalho interdisciplinar com as ciências humanas e as ciências naturais de forma sistêmica para a Amazônia é um árduo trabalho. A trajetória com visão interdisciplinar requer determinado esforço, como pontuado pela Dra. Theresinha de Jesus Pinto Fraxe:

A trajetória para desenvolver uma visão interdisciplinar, assim como para muitos em diferentes locais no Amazonas, demandou experiências diversas. Vivi três anos no meio da Floresta Amazônica assim que me formei como engenheira agrônoma, residindo no município de Coari, nas comunidades e não na cidade, um período em que ainda não havia o terminal Solimões, pois a Petrobrás ainda não havia se instalado, período de acesso inexistente de luz elétrica a população, entretanto, o conhecimento do homem e da mulher amazona requer a vivência da realidade.

Em complemento a isso, no que tange a esse conhecimento, destaca-se que os objetos de pesquisa devem ser devolvidos para quem se está pesquisando, independente do objeto. Nesse âmbito, a interdisciplinaridade e suas vertentes influenciam nas presentes pesquisas, sua importância reafirma o estudo em conjunto das ciências sociais e naturais e fomentam a compreensão de uma

realidade. Assim iniciam-se as discussões em torno do tema “Sustentabilidade e Sociedade”.

### *Sustentabilidade na Amazônia*

O que se entende por sustentabilidade na Amazônia?

Antes de entender esse conceito, deve-se compreender a Amazônia até criar um elo com essa definição. O desenvolvimento sustentável surge nos âmbitos social, econômico e cultural, que não se desassociam. Algumas questões também devem ser agregadas nessa análise como a política e a territorial.

A imbricação nessa temática, como visto por Elimar Pinheiro do Nascimento, inclui um estudo que agrega a categoria chamada campo e pelo cientista Pierre Bourdieu, cujo ensino complementa, afirmando que a sustentabilidade deve ser vista dentro desse campo, seja artístico, econômico, social, cultural ou ambiental. Por exemplo, para o estudo dos povos indígenas em São Gabriel da Cachoeira, devemos verificar a língua e o território interligando com outras áreas considerando o lugar e espaço de acordo com o tempo que o transforma constantemente, esses são alguns dos aspectos a serem considerados ao pensar na sustentabilidade de uma determinada realidade.

### *Formação social da Amazônia*

Há de se considerar a diversidade ambiental e social da região. Trata-se de recorrer a uma antiga, porém, atual, indagação: quem é o ser da Amazônia ou, em outras palavras, quais são as consequências do processo de formação da suposta identidade no contexto amazônico?

No que diz respeito à diversidade ambiental, para compreender o ser amazônico devemos compreender sua gênese, como visto pelo professor Alfredo Wagner, diferenciando povo de população. Para esse autor, os ribeirinhos, os caboclos, os quilombolas são povos tradicionais e não populações tradicionais, pois não entram nas estatísticas do IBGE, logo tem sua identidade, e devemos nos reportar a esses grupos como um grupo societário de forma histórica por meio das gêneses das categorias.

Além disso, uma característica marcante e histórica social se observa pelos tipos variados de escravismo e servidão e situações análogas à escravidão que permanecem uma realidade em algumas partes do Amazonas.

Verifica-se o histórico de escravismo na região, tanto no caso dos povos indígenas pelos povos europeus quanto os caboclos que até hoje são explorados por seus patrões, regatões, marreteiros, ou donos dos condomínios de castanhas (sendo estes os antigos

donos de engenho do nordeste) que são os padrões da Amazônia. Há um processo de escravidão, aqueles que ficam de 14 a 15 horas mergulhados na água que são os malveiros, entregando sua produção por escambo sendo está uma troca desigual aonde o trabalho e suor não vale o que se recebe, tendo em troca às vezes qualquer quinquilharia ou remédio em troca de todo o esforço do seu trabalho, isso ainda existe até os dias atuais no Amazonas. Para compreender a sustentabilidade devemos nos voltar a uma antiga indagação: quem é o ser da Amazônia? Somos uma mistura, os próprios povos indígenas podem vir de uma língua matriz, mas se formos perceber, essa língua possui uma miscigenação, que também está presente no nosso ethos, porque esse mito de raça pura já foi superada há muitos anos, não há nenhum tipo de raça, quanto mais pura, o que existe é um processo cultural de formação de cada grupo societário seja grupos indígenas, caboclos, ribeirinhos seringueiros, extrativistas, pescadores. Sem esse entendimento, jamais poderemos elaborar uma pesquisa que responda a nossa realidade amazônica e ao anseio, não apenas da academia, mas ao anseio de devolver à sociedade aquilo que produzimos.

Além disso, os povos da floresta não vivem isolados no tempo e no espaço, mas estabelecem relações contínuas de trocas materiais e simbólicas entre si. Portanto, a iniciativa de lhes dar visibilidade pressupõe considerá-los inseridos em um contexto de mudanças históricas sujeitos às transformações socioculturais que permeiam o sistema socioeconômico e político-cultural contemporânea.

Outro mito que já desmistificamos e percebemos nessa modernidade ou como alguns autores colocam, “pós-modernidade” é que não há mais como nos reportarmos de forma a dizer que o Amazonas é um território isolado do país, pois existe algo chamado de maximídia, por meio da comunicação, televisão, jornais além de existir há muitos anos o rádio de pilha, que faz com que se possa ouvir e comunicar com o Brasil e com o mundo inteiro. O que existe é, a partir da geografia física, ilhas de grupos societários, mas da geografia física com dificuldade de mobilidade não quer dizer isolamento, pois para tanto deveria ser cultural, físico, comunicacional ou territorial. É importante a percepção de qualquer pessoa que esteja em qualquer parte do Amazonas que se veja de forma igual, introduzida na sociedade, nem maior nem menor, nem superior nem inferior, o que existe são pessoas que detêm poderes e afirmam que estamos isolados do planeta, mas cada capital cultural comprova isso como irreal e que há sustentabilidade nas mãos de homens e mulheres que trabalham de forma igual no mundo.

## *Povos da floresta*

A ocupação de terras e seus diferentes usos pelos povos tradicionais na Amazônia abrangem muitas categorias de populações: índios, seringueiros, castanheiros, quilombolas, quebradeiras de coco, caboclo-ribeirinhos, entre outros. A ocupação territorial e social é analisada como:

A ocupação das terras ocorre diferente desde o processo das capitâneas hereditárias, é uma ocupação em que ao se reportar ao objeto de pesquisa e a Amazônia deve-se fazer referência ao território que se está trabalhando, por exemplo, ao estudar homens e mulheres trabalhadores, como os pescadores, deve-se considerar o território aquático, que no estado é ímpar. Os grandes barcos pesqueiros entram na água e retiram a maior proteína animal ingerida por nossa população, isso é um processo de ocupação. O território tem suas especificidades, seja no território terra, floresta, água, e é visto de acordo com os grupos societários. Os cientistas denominam esses grupos de maneiras distintas (quebradeiras de coco, extrativistas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos, por exemplo) mas esses se autodenominam povos indígenas em sua maioria. Deve-se lembrar que a autodenominação vem com a essência, a gênese com o que ocupamos, o lócus, o território, o espaço. Os indivíduos se identificam de acordo com a forma como estão alocados, no seu trabalho, na sua formação, no intelecto, seja em diferentes classificações sociais.

A Amazônia abrange uma grande área de floresta tropical, acolhe uma economia socioambiental importante, embora insuficientemente valorizada pela sociedade brasileira. Essa economia é praticada por populações culturalmente diversificadas, motivo pelo qual, a sustentabilidade na Amazônia deve ser enfatizada mediante duas faces complementares: a conservação e a manutenção das populações tradicionais.

As populações amazônicas têm uma relevância diferente de outras populações do planeta, pois trabalham três macromeios de produção, a terra a floresta e a água, ao mesmo tempo um indivíduo exerce uma atividade como pescador, mas também pode ser um agricultor de acordo com a matéria-prima local e outras atividades não diretamente da terra.

Como exemplo, destaca-se a sazonalidade das várzeas no Amazonas que propiciam diferentes atividades com as águas, terras e florestas, colocando os povos amazônicos em situação peculiar, fomentando a sociodiversidade. A manutenção da cultura, dos povos tradicionais, da cultura, do território, da floresta é o que se denomina sustentabilidade na Amazônia.

Quando se fala na importância das populações amazônicas na conservação da natureza, está implícito o papel preponderante da cultura e das relações homem/natureza (DIEGUES, 2001).

No meio rural, os produtos vêm da terra, utiliza-se as matérias primas locais, do *ethos*, essa diferença não é dicotômica, é apenas uma diferença.

Somos diferentes de acordo com nossa identidade, não somos opostos, não se pode pensar nessa diferença como uma dicotomia, através do processo da globalização, das televisões, computadores interagindo, seja com o mundo rural ou urbano. Por exemplo, aqueles que colhem milho fazem a farinha que vai para o mundo urbano e nesse mesmo meio o produtor pode comprar víveres para levar para o mundo rural.

No que diz respeito à aquisição de mercadoria, entende-se os produtos e inclusive o conhecimento. As classes sociais também estão elencadas pelo conhecimento como visto por Pierre Bourdieu, essa classe se soma às classes econômicas e sociais. A troca entre o mundo rural e urbano é uma troca de conhecimento, existindo as identidades como essa troca.

É na troca de conhecimento que se percebe a transculturalidade e transnacionalização da cultura, que só se pode ser percebida dentro das identidades culturais.

As identidades regionais possuem múltiplas interpretações e a percepção do meio amazônico vem da observação também dos grupos societários, do comportamento desde o horário de dormir e despertar, a execução das atividades laborativas de forma determinada que pode ser percebida e interpretada de forma distinta pelo observador externo. Em território urbano, por exemplo, há hábitos diferentes, as estruturas determinadas muitas vezes não marcadas e desiguais ou pontuais.

Esses hábitos estruturados para os povos tradicionais fomentam o conhecimento em diferentes vertentes do ambiente como, por exemplo, da sazonalidade, do saber ecológico justamente por serem seres ecológicos.

No meio rural há um tratamento especial aos elementos naturais, prática pouco executada no meio urbano em que já há um afastamento da natureza. O sentimento consumista prevalece e a busca pela apreciação-percepção do meio e dos elementos naturais são postos de lado.

A cultura do caboclo-ribeirinho estabelece profundas relações com a natureza, consolidando e fecundando o rico imaginário desses grupos sociais.

A transculturalidade pode ser analisada para o entendimento do ir e vir da mercadoria, a exemplo do Boi-Bumbá que se transformou em mercadoria, pois é vendido, e as cores azul e vermelho também passam a se configurar como produto a fim de poder alcançar o mundo inteiro para venda.

### *Mitos, lendas e tradições dos caboclos ribeirinhos*

O caboclo busca desvendar os segredos do seu mundo, recorrendo aos mitos, às lendas, às plantas medicinais, às rezadeiras, tanto no trabalho como no lazer.

Temos dentro de cada um, lendas e mitos que nos fazem existir, Há pessoas que acreditam no Buda, os que se dizem agnósticos ou ateus. O homem e a mulher amazônica têm seus próprios mitos e lendas que foram ressignificados de outros locais e outras criadas por eles mesmos. A exemplo, a cobra grande, o trabalhador em contato com o meio ambiente e verificar animais como a boiuna que ameaça uma pescaria, passa a ser contada como tal em forma de lenda.

As classes ficam expressas também nas lendas, nas leis e nas relações de trabalho com os povos, seja o empregador e empregado, bem como seus familiares.

### *Aspectos sociais da família*

Há de se considerar o entendimento das relações diversas além da denominação popular consanguínea, como também a família escolhida, ou a acadêmica, que são primordiais para o entendimento da cultura, da existência e da terra. É da família que vem a divisão do trabalho, as relações interpessoais, o poder e os papéis a serem executados por gênero. As famílias caracterizam os indivíduos e como funcionam em sociedade e essa depende da interação.

No meio rural, as mulheres costumam participar de todas as atividades, sejam elas domésticas ou para ajudar seus maridos nas atividades produtivas, tais como pesca e agricultura. Há uma mudança na parte de trabalho, na atualidade, há mais mulheres que pescam, mas que entendem fatores limitantes como períodos de menstruação.

### *Apresentação do Projeto: AGROUFAM 2015- Feira Livre da Agricultura Familiar*

Projeto de transdisciplinaridade para o entendimento da sustentabilidade na realidade aplicada a um grupo societário. A AGROUFAM é uma feira que trabalha diversos meios de produção inclusive a floresta. Não é um local apenas de comercialização, mas também de aprendizagem em que há troca de conhecimento, o comum e o científico.



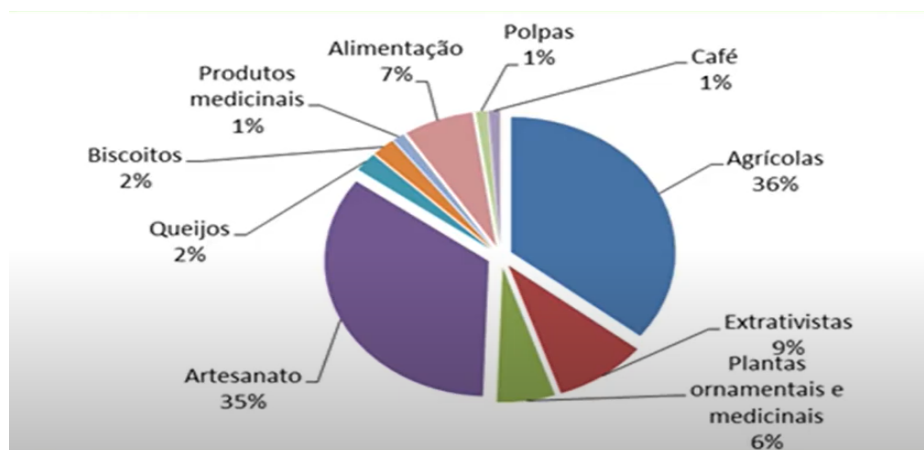
**Objetivo:** Ser um espaço de integração de saberes, difusão da agroecologia, inclusão socioeconômica, e de comercialização e valorização de produtos regionais provenientes das agriculturas familiar.

A agroecologia é uma ciência que reporta da ancestralidade a agricultura sintrópica, ou seja, trabalhar sem veneno. Trabalha-se as frutas e verduras, com o manejo das terras e dos lagos. Além disso, valoriza-se a identidade a cultura dos povos da floresta.

Atualmente, há 50 barracas e 150 expositores, congregando mais de 1000 agricultores agroecológicos. Trata-se de um projeto autossustentável, gestado por uma associação pelos próprios agricultores e artesãos.

A oferta de produtos pode ser observada na diversidade de ramos produtivos, visualizados no gráfico.

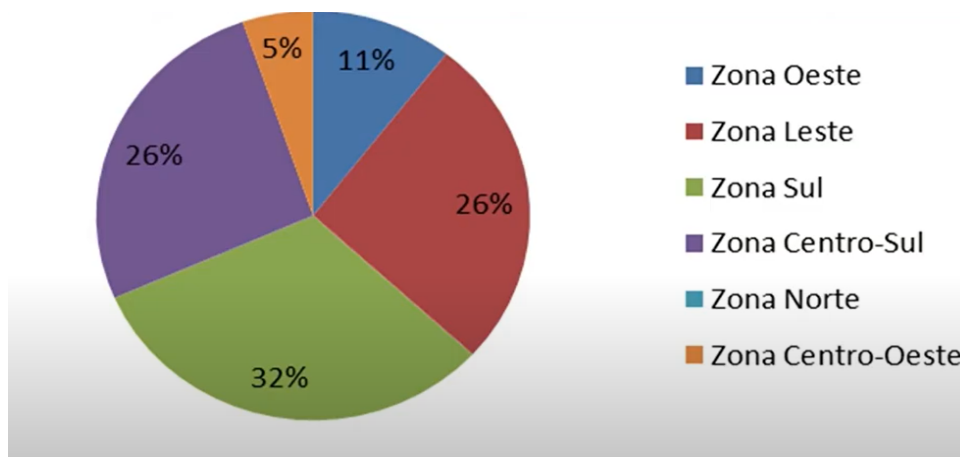
Gráfico 1: Diversidade de Produtos da AGROUFAM



Desses produtos, destaca-se o conhecimento particular dessa produção, que pode ser conhecimento que passa de geração a geração como o caso das plantas medicinais utilizadas para diversos males. Uma possibilidade dentre esse processo é a aquisição desses produtos, pois observa-se a transculturalidade, ou seja, levar esse produto para casa com o conhecimento de quem o gerou, há uma transferência de conhecimento.

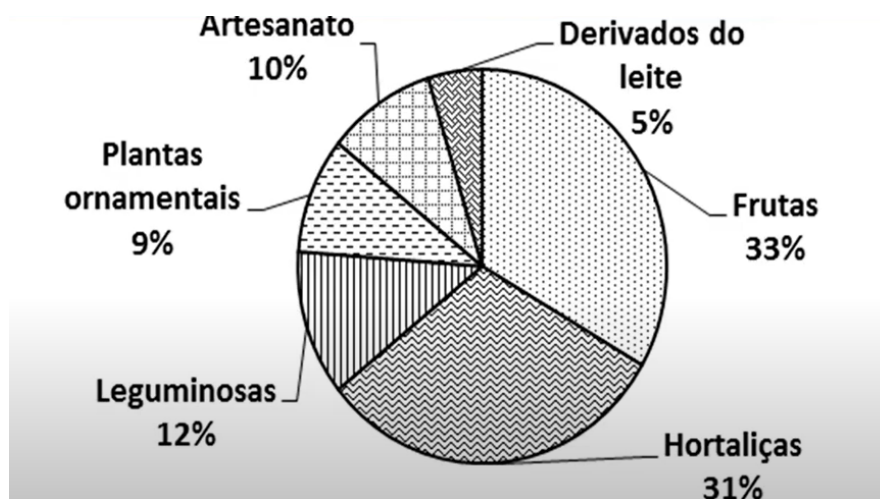
No que diz respeito aos visitantes, a AGROUFAM engloba visitantes de diversas áreas da cidade como visto no gráfico.

Gráfico 2: Origem dos Visitantes Consumidores



O número de visitantes vem aumentando gradativamente, indicando uma busca maior por alimentos saudáveis, como verificado no gráfico a seguir que trata das preferências de consumo dos visitantes.

Gráfico 3: Preferências de Consumo



A agroecologia luta contra o uso de venenos, que é uma linha da sustentabilidade e o sujeito ecológico trabalha a terra e a água de forma sustentável, retirando a matéria prima de sua origem, mas também devolve a mesma ao meio ambiente.

Além disso, foi criado pela AGROUFAM um grupo de mulheres que trabalha com artesanato chamado Chitas Nativas, agregando aos recursos naturais em conjunto com o projeto e a universidade.



A participação da academia é importante de forma a trazer a economia ecológica dentro da universidade, sendo passível de crescimento por meio da colaboração de outras iniciativas no meio acadêmico.